



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DANIELE RODRIGUES DE SOUZA

**O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NOS ANOS INICIAIS: UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA NO MUSEU HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PLANALTINA-DF**

Brasília-DF
2025

DANIELE RODRIGUES DE SOUZA

**O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NOS ANOS INICIAIS: UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA NO MUSEU HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PLANALTINA-DF**

Trabalho Final de Curso em formato de artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, à banca examinadora da Faculdade de Educação na Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Dra. Renata Silva Almendra.

Brasília- DF
2025

DANIELE RODRIGUES DE SOUZA

O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NOS ANOS INICIAIS: UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA NO MUSEU HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PLANALTINA-DF

Comissão Examinadora:

Prof. Dra. Renata Silva Almendra (Orientadora)
Departamento de Métodos e Técnicas (MTC/FE/Unb)

Prof. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva
Departamento de Teorias e Fundamentos (TEF/FE/UnB)

Prof. Msc Mônica Padilha Fonseca
Instituto Federal de Brasília – Curso de Pedagogia

Prof. Dr. Marcelo Fabiano Rodrigues Pereira
Departamento de Métodos e Técnicas (MTC/FE/UnB)

Brasília – DF
2025

CIP - Catalogação na Publicação

SS729e Souza, Daniele Rodrigues de.
O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NOS ANOS INICIAIS: UMA
PROPOSTA PEDAGÓGICA NO MUSEU HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE
PLANALTINA-DF / Daniele Rodrigues de Souza;
Orientador: Renata Almendra. -- Brasília, 2025.
37 f.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Pedagogia) --
aqui Universidade de Brasília, 2025.
1. Ensino de História. 2. História local. 3. Museu
Histórico e Artístico de Planaltina. 4. Educação
Patrimonial. 5. Anos Iniciais do Ensino Fundamental. I.
Almendra, Renata, orient. II. Título.

MEMORIAL

Nasci, cresci e sempre morei na cidade de Planaltina e foi nas escolas da cidade que cursei a minha educação básica. Hoje, me graduando em Pedagogia, relembro essa trajetória escolar e os caminhos que me levaram a escolher este tema para desenvolver meu Trabalho Final de Curso. O interesse pela escola surgiu desde a infância, quando observava as crianças de uniformes escolares pela janela e me imaginava lá. Quando eu não ainda tinha o domínio do alfabeto, uma amiga da minha mãe observou que eu olhava os livros com figuras e inventava uma história por meio das imagens. Contudo, quando já frequentava a escola, minhas brincadeiras se reduziam a uma atmosfera escolar, como uma reprodução da sala de aula com os alunos imaginários.

Alguns professores me inspiraram em seguir essa carreira, com essa leveza de ensinar. Os professores dos anos iniciais me incentivaram bastante, pois tinham compressão e paciência. Nesse processo, tive duas professoras legais, uma efetiva e uma estagiária. Elas tinham uma conexão exemplar, pois sabiam apresentar uma aula divertida e interessante para um aprendizado significativo. Quando eu estava no ensino médio, nas primeiras etapas, não sabia qual área eu gostaria de seguir profissionalmente. Mas já no 3º ano analisei os cursos da Universidade de Brasília, foquei na área de educação e escolhi a Pedagogia. Eu entrei no Curso de Pedagogia em 2020, pelo Programa de Avaliação Seriada (PAS), no momento mais difícil proporcionando pela pandemia mundial de Covid-19. Assim, as aulas seguiram-se em formato remoto, fomentando um ambiente estranho, no qual ninguém se conhecia.

A ideia de trabalhar com o tema deste artigo nasceu na disciplina Ensino de História, Identidade e Cidadania, ministrada pela professora Renata Almendra. Ao longo da disciplina, pudemos lançar um novo olhar aos espaços culturais e museológicos, que abrigam patrimônios, histórias, memórias e outros elementos. Também destaco a leitura de artigos sobre as relações entre museu e escola discutidos no Programa de Iniciação à Docência (PIBID), que trouxeram muitas ideias que se refletem neste Trabalho Final de Curso. É importante ressaltar que não ficamos somente na leitura teórica sobre o tema, mas também visitamos alguns museus do Plano Piloto incentivados pela professora coordenadora do PIBID, Shirleide Cruz. Com isso foi nascendo meu interesse e desejo em desenvolver um

trabalho que versa sobre o museu enquanto instrumento para o ensino de História nos anos iniciais, tendo como foco o Museu Histórico e Artístico de Planaltina.

Antes que a minha caminhada acadêmica iniciasse, eu terminei meus estudos na educação básica. No bairro onde eu moro existem apenas duas escolas, uma de ensino fundamental e a outra com ensino médio. A primeira escola, de ensino fundamental, tem o nome de Juscelino Kubistchek. Eu não entendia o porquê desse nome e nunca nem pesquisei. Mas, o mais engraçado, era que na escola não tinha nenhuma atividade ou evento que se referia à causa dessa homenagem. E foi nessa escola que eu aprendi a ler e escrever. Mas antes de conhecer as letras e as palavras eu já lia o mundo. Assim como defende Paulo Freire, aprendi a ler o mundo antes de aprender a ler livros e imagens.

A escola de ensino médio onde estudei era ao lado da minha casa. Foi lá que tive a oportunidade de ir aos passeios no cinema, zoológico e palestras, muitas das atividades extramuros eram realizadas também no Plano Piloto. Porém, foi ainda no ensino fundamental que tive contato com os patrimônios históricos e artísticos de Planaltina, principalmente a ida ao museu da cidade.

Figura 1: Foto com a turma da escola. Centro Fundamental Juscelino Kubistchek. Brasília/DF, 2008.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Essa fotografia representa o início da minha vida escolar. Creio que todo aluno da escola pública tem na memória essa imagem dos alunos sentados nas cadeiras e a professora ao fundo. Esse tipo de fotografia, tão tradicional e presente na cultura escolar, traz muitos elementos de memórias e afetos. Porém não revela as histórias individuais e coletivas, muitas vezes cheias de percalços, que permeiam a vida dos estudantes ali retratados.

Finalizo, assim, esse memorial, apresentando essa imagem que carrega uma bagagem histórica da minha formação, da turma que me acompanhou neste determinado momento de minha trajetória escolar. Ao revisitar essa imagem me percebo enquanto sujeito produtor da história e vejo como podemos despertar esse sentimento nos estudantes, trazendo os sentidos de memória e cidadania a partir de nossas vivências e experiências cotidianas. E é isso que procuro apresentar, de alguma forma, neste Trabalho Final de Curso.

O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA NO MUSEU HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PLANALTINA-DF

Resumo

O presente artigo investiga as relações entre o ensino de história local e o uso pedagógico do Museu Histórico e Artístico de Planaltina (MHAP) nos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa, fundamentada em uma abordagem qualitativa, reflete sobre a integração entre escola e museu, destacando o potencial do MHAP para fortalecer a identidade e o senso de pertencimento dos alunos de Planaltina-DF. Além disso, propõe uma sequência didática para o 4º ano, que inclui atividades lúdicas e interativas, visitas ao museu e reflexões sobre o patrimônio cultural local. No entanto, são também discutidos os desafios estruturais e de financiamento enfrentados pelo MHAP, que comprometem a eficácia das ações educativas. O trabalho reafirma a relevância de práticas pedagógicas baseadas na história local para promover uma educação crítica, dialógica e inclusiva.

Palavras-chave: Ensino de História; História local; Museu Histórico e Artístico de Planaltina; Educação Patrimonial; Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Abstract

This article investigates the relationship between local history education and the pedagogical use of the Museu Histórico e Artístico de Planaltina (MHAP) in the early years of elementary education. The research, based on a qualitative approach, reflects on the integration between school and museum, highlighting the potential of the MHAP to strengthen the identity and sense of belonging among students in Planaltina-DF. Additionally, it proposes a didactic sequence for 4th-grade students, including playful and interactive activities, museum visits, and reflections on local cultural heritage. However, the article also discusses structural and financial challenges faced by the MHAP, which hinder the effectiveness of educational actions. This study reaffirms the relevance of pedagogical practices based on local history to promote critical, dialogical, and inclusive education.

Keywords: History Teaching; Local History; Museu Histórico e Artístico de Planaltina; Heritage Education; Early Years.

1. Introdução

Este Trabalho Final de Curso, em formato de artigo, visa apresentar uma reflexão sobre as relações entre museu e escola, principalmente no que tange o ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental. Dentro deste escopo, esse trabalho nos aponta as potencialidades dos espaços culturais na formação crítica, dialógica, de identidade e de cidadania. Para tanto, escolhemos lançar um olhar para um espaço cultural bastante importante para a história e memória da cidade de Planaltina: o Museu Histórico e Artístico de Planaltina (MHAP). Assim, apresentamos as possibilidades de trabalhar com a história local da cidade a partir de uma visita escolar ao museu, analisando não só os objetos de seu acervo, mas a própria instituição enquanto patrimônio planaltinense.

A pesquisa que deu origem a este artigo se justifica com base nas experiências escolares que vivenciei enquanto estudante e, posteriormente, enquanto pedagoga em formação. Percebi que, na proposta de se estudar a história local, sempre foi considerada apenas uma história hegemônica sobre Brasília e a sua construção. Nesse contexto, quando havia passeios fora da escola, sempre éramos levados para conhecer a parte central de Brasília e os museus existentes na Praça dos Três Poderes, o que hoje percebo que não tinha conexão alguma com a realidade dos alunos que moravam e estudavam em Planaltina. Mesmo assim, em minha memória, recordo-me de um passeio ao Museu Histórico e Artístico de Planaltina feito com a minha escola. Não tenho fotos e nem lembro da mediação na visita, porém me recordo de quadros de fotografias que contam momentos importantes da história da cidade. Nesse sentido, a proposta deste trabalho consiste na apresentação do museu como um espaço de possibilidades para o ensino da história local, a fim de causar conexões dos moradores de Planaltina com a história da região, despertando sentimentos de identidade e pertencimento à cidade. Este trabalho traz também a proposição de uma sequência didática para o 4º ano do Ensino Fundamental, fruto da integração e dos diálogos possíveis entre as escolas e o museu de Planaltina.

Dessa forma, destaco que o objetivo geral desta monografia é discutir a abordagem da história local na visita aos museus com turmas regulares dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dentre os objetivos específicos elenco: apresentar o Museu Histórico e Artístico de Planaltina, sua história e os objetos de seu acervo;

discutir as possibilidades e desafios no ensino da história local; refletir sobre as relações entre escola e museu; analisar o Currículo em Movimento do Distrito Federal no que tange às orientações ao ensino de história local; sugerir uma sequência didática envolvendo uma visita escolar ao Museu Histórico e Artístico de Planaltina; discutir possibilidades de visitas dialógicas e significativas ao museu.

A metodologia de pesquisa utilizada neste trabalho envolveu visitas frequentes ao MHAP visando conhecer melhor sua estrutura, seu acervo e o trabalho educativo desenvolvido por sua equipe. Para além da pesquisa *in loco*, foi feita uma vasta pesquisa bibliográfica, que se realizou a partir da leitura de textos, livros e artigos sobre o tema, que se somou às reflexões já despertadas ao longo da experiência do PIBID, da disciplina de Ensino de História, Identidade e Cidadania e durante a escrita deste trabalho. Ao longo de todo esse processo foram realizados fichamentos dos textos que abordam a relação museu e escola, educação patrimonial, história local, programas educativos em museus, entre outros. As fotos, objetos e documentos que fazem parte do acervo do museu serviram de base para as reflexões na elaboração da sequência didática.

Este artigo é composto de quatro tópicos. O primeiro tópico apresenta de forma breve aspectos históricos da cidade de Planaltina para, no tópico seguinte, mergulhar de forma mais detida nas características do Museu Histórico e Artístico de Planaltina referentes à sua história, o contexto atual, o diagnóstico, a identificação de problemas e as potencialidades. A partir da leitura de artigos e monografias que versam sobre o MHAP, bem como nas visitas realizadas à instituição, conhecemos a constituição de uma casa modesta, da época colonial, sua transformação em museu, as dificuldades de manutenção, os resultados de trabalhos da Universidade de Brasília ali desenvolvidos e as oportunidades apresentadas à comunidade cívica e escolar.

O terceiro tópico mostra as potencialidades dos museus no ensino de História e história local. Abordamos as possibilidades do ensino da História de Planaltina no contexto da história local nos anos iniciais, tendo como base os pressupostos do Currículo em Movimento do Distrito Federal. Com isso, buscamos apresentar e discutir a integralização da escola e museu em um ensino voltado a temas transversais, de como viviam os povos dessa região com os elementos tecnológicos da época.

O quarto tópico apresenta uma sequência didática para o 4º ano do Ensino Fundamental, trazendo uma proposta que se inicia na escola, se direciona ao museu e termina na escola com atividades que refletem sobre a experiência da visita. Na prática, propõe-se a escolha de alguns objetos do acervo para atuar como motivadores para a reflexão, relacionando-os com as experiências e vivências dos alunos. Portanto, essa sequência visa à interação dialógica dos estudantes com os objetos analisados na visita e assim tornam uma interação ativa.

2. Breve História de Planaltina-DF

“Quando o Novo Bandeirante
Acordou o Brasil Gigante
Do seu sono secular,
Tu já eras Planaltina,
A semente pequenina
Neste solo a vicejar”.

(Spezia, Delphino; Abenantes, Coronel,
apud Silva, 2019, p. 10).

Pretendemos, inicialmente, apresentar uma breve história de Planaltina, a partir da análise de alguns documentos e artigos em diálogo com estudiosos, como o professor e historiador Robson Eleutério da Silva, que tem experiência na área de história com ênfase no Planalto Central. Eleutério é autor de algumas publicações que versam sobre a história de Planaltina. De acordo com seu livro *História de Planaltina em documentos*, “a origem de Planaltina remonta à fundação do primeiro núcleo de povoamento em 1811, denominado Arraial de São Sebastião de Mestre d'Armas” (Eleutério, 2019, p. 1).

Eleutério escreve em conformidade com as narrativas do historiador Paulo Bertran, apresentadas no livro *História da terra e do homem no Planalto Central, Eco-história do DF* (2011). Esse livro dedica uma parte para esmiuçar os fatos antigos de Planaltina e Sobradinho, dando ênfase à primeira.

É importante destacar que a história de Planaltina, que remonta há mais de um século, é marcada pelas datas comemorativas, que nascem junto com a Igrejinha de São Sebastião em sinais de prosperidade e saúde para a região. Nesse sentido, há de se considerar que ali já tinha uma população, que se estabeleceu costumes e tradições que hoje se materializam no seu patrimônio material e imaterial. O pesquisador Elias Manoel da Silva afirma que: “As datas celebrativas são lugares de memória, espécie de sacramentos seculares, que carregam a responsabilidade de fidelidade histórica para com aqueles que fundaram e consolidaram Mestre d’Armas, hoje Planaltina” (Silva, 2016, p.14).

De acordo com o professor Robson Eleutério (Silva, 2019, p.16), foi a partir da segunda metade do século XVIII que a região de Mestre d’Armas começou aparecer na cartografia portuguesa, marcando de forma mais incisiva uma ocupação populacional no Planalto Central. De acordo com o autor, há muitos indícios de uma população que ocupava a região até mesmo antes desse período. Contudo, a Referência e uma pessoa famosa na época, com sua história quase sendo uma lenda, deu o nome para aquela vila, o tal do senhor Mestre d’Armas, um ferreiro habilidoso que se estabeleceu na região naquele período.

Silva (2016) situa as origens da cidade no contexto histórico dos bandeirantes, mineração e início do estabelecimento de fazendas na região, o que representa a existência de um trajeto importante entre estados ligados ao caminho do ouro, no século XVIII. Como demonstra o autor:

O Arraial Mestre d’Armas, povoado que vai dar origem à atual cidade, surge ao longo daquela que foi a mais extensa estrada do Brasil Colonial, que desde 1731 ligava Salvador da Bahia às minas de Goiás e, mais posteriormente, a Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade.” (Silva, 2016, p. 01)

Esse era um dos caminhos escolhidos pelos trabalhadores mineradores neste período de exploração aurífera. Esse caminho, relatado pelos moradores antigos, existe na memória dos que viveram e que contam que posteriormente se criou outra estrada voltada aos interesses da indústria automobilística. “Ainda hoje, ela permanece no imaginário de vários moradores da região, que guardam na memória antigas histórias contadas por seus ancestrais” (Silva, 2019, p. 13).

Somente com a Proclamação da República o problema territorial de Mestre d’Armas foi solucionado definitivamente: nem para Santa

Luzia, nem para Formosa. No dia 24 de fevereiro de 1891 era promulgada a primeira Constituição republicana e no mês seguinte, em 19 de março de 1891 o Distrito de Mestre d'Armas tornou-se Município por meio do Decreto nº 52. (Silva, 2016, p. 12).

O Plano Museológico do Museu Histórico e Artístico de Planaltina (2020) apresenta um pouco da história da cidade, que hoje se enquadra como Região Administrativa do Distrito Federal:

Seu nome passou por duas alterações, sendo a primeira em 1910 quando passou a chamar-se Vila de Altamir através da Lei nº 363, de 22 de julho. A segunda mudança de nome foi em 1917, quando finalmente foi nomeada Planaltina, que significa coração do Planalto Central, através da Lei nº 451. Planaltina elevou-se à categoria de cidade em 1938. (MHAP, 2020, p.8)

A partir do final da década de 1950, quando Brasília começou a ser construída, Planaltina sofreu um grande aumento populacional. Como sabemos, aqueles que vieram construir Brasília não tiveram moradia garantida na nova capital e os que decidiram por aqui ficar, se assentaram em locais entendidos como “invasões” ou em cidades pré-existentes, como Planaltina e Brazlândia. Como explica Oliveira (2013, p. 28):

Nos anos seguintes, essas alterações periódicas ficavam mais evidentes com o surgimento de invasões no Distrito Federal que abrigariam os Candangos que vieram de vários estados do país. Em Planaltina os setores: Vila Vicentina, Setor Residencial Leste (Vila Buritis I, II e III), Setor Residencial Norte A (Jardim Roriz) e o Setor Tradicional sofreram esse crescimento populacional.

Assim, em 1960, com o advento da inauguração da parte central da chamada Brasília, Planaltina passou por mudanças nas suas infraestruturas, com obras de saneamento básico, construção de rede de água e esgoto, asfalto das vias de passagem. Nesse momento também ocorreu a ampliação das redes de saúde, educação e transporte aos moradores. No entanto, apesar de essas questões serem positivas para a sociedade e acabam sendo a região mais longe do centro, sendo um percurso de grande percalço para aqueles que vão trabalhar na nova capital.

Portanto, ao analisar a bibliografia sobre o tema, entende-se que Planaltina, considerada pequena na década de 1960, figurava como representação de interior, com conjuntos de fazendas se sobressaindo a uma vida urbana. De acordo com os

dados de Oliveira (2013), tudo mudou com a construção de Brasília, pois foram desenvolvidas melhores condições para o assentamento de moradias. Porém, essa modernidade não é referenciada nos livros didáticos e nem representada nos outros museus e espaços de memória, especialmente aqueles que se localizam na Esplanada dos Ministérios. Infelizmente, o reconhecimento aos patrimônios material e imaterial de Planaltina como matriarca do Distrito Federal ainda é escasso e este Trabalho Final de Curso busca dar uma contribuição para a mudança desse cenário.

3. Apresentação do Museu Histórico e Artístico de Planaltina (MHAP)

O Museu Histórico e Artístico de Planaltina (MHAP) apresenta um Plano Museológico (documento de planejamento institucional obrigatório nos museus brasileiros, conforme Lei n. 11.904 de 2009) dividido em três partes que descrevem a forma como o museu está organizado, os projetos, os programas, a descrição do acervo, os públicos-alvo, os diagnósticos, as legislações e os cronogramas de atividades. Esse Plano foi elaborado por uma museóloga contratada pela Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECEC-DF) para construção desse importante e obrigatório instrumento de gestão dos museus. Consta no texto do Plano Museológico que este foi feito de forma dialogada com a SECEC-DF e com a participação da comunidade.

Como base nesse material, apresentaremos, em linhas gerais, os pontos principais da história do museu de forma a contextualizar a sua importância para a própria história de Planaltina e do Distrito Federal. O Museu Histórico e Artístico de Planaltina funciona em uma casa localizada no Setor Tradicional, onde se encontram outros patrimônios da cidade (como a Igrejinha de São Sebastião), e casas antigas cuja arquitetura remete ao final do século XIX.

A casa que abriga o museu já foi moradia de duas famílias, em momentos diferentes. Apesar de simples em relação ao contexto atual, é possível perceber que era uma das casas mais confortáveis da região, com água e luz. Conta-se que, devido ao seu tamanho e conforto, a estadia na casa era bastante requisitada, tanto que servia de hospedagem para quem vinha à Brasília nos primeiros anos da capital. Depois dessas histórias e momentos marcantes, a casa foi comprada pelo Governo

do Distrito Federal com tudo dentro, e serviu de exposição da vida simples, colonial e repleta de lembranças, com seus quadros e fotos da população antiga.

A casa onde hoje funciona o Museu Histórico e Artístico de Planaltina foi construída em 1899 por Afonso Coelho da Silva Campos, seu primeiro morador. Ainda na primeira década do século XX, a residência foi vendida para Salviano Monteiro Guimarães e sua esposa Olívia de Campos Guimarães. Ele era militar e político, muito influente na época. Com o tempo, tiveram filhos, dentre eles, Maria América Guimarães, que herdou a casa e posteriormente passou ao Governo do Distrito Federal pelas negociações legais.

Sendo assim, a compra do imóvel foi efetivada pelo Decreto nº 2.452 de 29 de novembro de 1973, no qual aparece a exposição dos imóveis da residência. A aquisição do imóvel pelo governo para a transformação em um museu histórico passou por muitos movimentos, que perpassavam os interesses de utilidade pública e social.

No ano seguinte, em 1974, aconteceu a inauguração do Museu Histórico e Artístico de Planaltina, com a intenção de conservar a história dos antigos moradores da região, principalmente depois de a capital ser transferida para o Planalto Central. Já em 1982, o Governo do Distrito Federal concedeu documento concedendo o tombamento, pelo Decreto nº 6.939. De acordo com as normativas do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o tombamento é o instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural material e pode ser feito na esfera federal, estadual e municipal.

Após a casa se tornar um museu, foi necessário realizar adequações no imóvel para permitir maior fluidez na visitação e no circuito expositivo. Dentre as modificações, foram retiradas algumas janelas e portas, por exemplo.

O Museu Histórico e Artístico de Planaltina está localizado na praça Salviano Monteiro, que está sob responsabilidade da Administração Regional de Planaltina. O imóvel que abriga o MHAP tem a extensão de 275m² de área construída, com quatorze cômodos. E, considerando a área verde, totaliza 603,83m². A edificação está pintada em elas cores azul e branco, dialogando com outras edificações relevantes presentes no Setor Tradicional de Planaltina, como a Igreja de São Sebastião e a

própria Praça Salviano Monteiro. O Plano Museológico do MHAP traz de forma detalhada a sua descrição física, conforme trecho a seguir:

A construção do Museu é de um pavimento, possuindo características coloniais, a casa é feita de adobe e taipa, com banheiro e cozinha cimentados, a maior parte dos cômodos são forrados (forro tipo paulista) e outros assoalhados com tábuas corridas ao comprido (Plano Museológico, 2020, p.18).

Na disposição espacial do museu temos: saguão, sala da direção, três salas de exposições, sala da administração, duas salas vazias geralmente usadas para exposições temporárias, dois banheiros, reserva técnica, sala de apoio dos funcionários do museu, pátio e jardim. A exposição permanente do museu, por sua vez, está organizada em 6 cômodos: a sala, a cozinha, os quartos, os banheiros, a sala de recepção e uma sala de fotos. É interessante destacar que o planejamento do museu e de suas exposições estão em consonância com o calendário local cultural e com a realização dos festejos locais, como por exemplo, o Festejo do Divino Espírito Santo.

Figura 2: Museu Histórico e Artístico de Planaltina, 2023.



Fonte: <https://planaltina.digital/museu-historico-e-artistico-de-planaltina-2/>

Bárbara Letícia Gomes, em sua monografia “Preservação do patrimônio histórico-cultural: um repositório para o Museu Histórico e Artístico de Planaltina” (2009), apresenta de forma mais técnica parte do acervo histórico presente no museu:

Dentre as peças de destaque do Museu estão roteiros e fotos da Missão Cruls (que em 1892, demarcou a área do Distrito Federal), um piano alemão de 1925 (o primeiro trazido para a região em Goiás) e um relógio de parede de 1899, contém também histórias e fotografias da época dos primórdios da cidade, móveis estilo colonial, e vários utensílios domésticos (Gomes, 2009, p. 48).

Dentre as peças do acervo também estão uma mesa de centro, um porta-chapéus, cadeiras, sofás e poltronas em madeira com assento em palhinha e um encosto de veludo estampado, uma cantoneira, uma mesa e uma cadeira em madeira, um cristaleira com vidros nas portas, dentre outros.

Ademais, o MHAP apresenta um amplo acervo bibliográfico, composto por materiais como o Jornal Mestre D'Armas, que era o jornal local relacionado aos eventos da cidade e que não está mais em atividade, e outras obras. Muitas das fotografias e documentos do museu também foram cedidos ou doados pelo Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF), que também colabora com o empréstimo de materiais para as exposições.

A maioria dos frequentadores do MHAP são alunos da rede pública, que acessam o museu pelas visitas escolares. A população local também figura entre os visitantes, com destaque para produtores culturais, integrantes da Associação de Amigos do Centro Histórico de Planaltina, profissionais da Administração Regional de Planaltina-DF e turistas.

De acordo com o Plano Museológico (2020, p. 33), os programas e projetos são atividades elaboradas pelo museu, com intuito interdisciplinar. São organizados de forma segmentada para facilitar o planejamento conceitual e estratégico, e são idealizados sempre de forma participativa. Os projetos são incorporados a todo planejamento do museu. Esse documento tem como referência a orientação do Iphan e do Estatuto de Museus.

No Programa Educativo e Cultural do MHAP está destacada a importância de promover o respeito à diversidade e mobilizar a comunidade local, com ênfase na democratização do conhecimento da cultura da cidade de Planaltina-DF. Essa política tem como base o diálogo das atividades educativas desenvolvidas pelo museu com a sociedade, entendendo que as instituições museológicas são, por essência, um local de promoção da educação.

Como descrito no seu Plano Museológico, o Programa Educativo e Cultural (PEC) do MHAP tem como referência os pensamentos do pensador Paulo Freire, com base na visão libertadora, como autonomia e o protagonismo dos visitantes. Estabelece-se, ademais, que as atividades das ações educativas e culturais devem ser relacionadas aos públicos prioritários do museu, como professores das diversas áreas, e estudantes da educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), bem como os visitantes espontâneos.

A proposta do PEC é que os educadores do museu possam trabalhar a história ali retratada, em diálogo constante com a realidade dos estudantes e do público em geral. Criar pontes entre os objetos e seus usos, que mostram a vida de moradores antigos da região, com as tecnologias presentes na época, abre espaços para as interrogações, por exemplo, sobre como vivia a população, que não tinha esse luxo. Assim, cabe aos educadores estimularem as reflexões sobre como vivia e como vive hoje a população de Planaltina-DF. Pode-se, inclusive, a depender da faixa etária do público atendido, propor reflexões que se pautam em questões sociais e econômicas, visto que o museu era antes a casa de uma família pertencente a uma classe social com mais recursos financeiros. Assim, ao apresenta sistema serpentinas, que seria armazenamento da água quente na caixa para distribuição nas torneiras, o educador pode trazer a seguinte reflexão: quantas moradias da cidade tinham esse sistema de água? Esse sistema é antigo?

Para a realização de atividades e ações educativas efetivas, que permitam explorar o acervo do museu e suas histórias, o Plano Museológico sugere que o museu disponha de materiais pedagógicos específicos e uma sala dedicada exclusivamente ao atendimento de escolas. Para tanto, há a indicação de que o museu adquira um mobiliário específico, como mesas retangulares, cadeiras e materiais de consumo como resmas de papel, rolos de barbante, cola, lápis preto, canetas coloridas, lápis de cor, entre outros.

Com isso, ao analisar as propostas do Plano Museológico do Museu Histórico e Artístico de Planaltina e comparar com as visitas que fiz ao longo dessa pesquisa, me deparei com um mundo ideal e a vida real. Infelizmente, muitos desses projetos e programas apresentados no documento ainda não saíram do papel. Os educadores poderiam preencher muitas dessas lacunas, principalmente ao proporcionar um

diálogo entre o museu e a comunidade em que está inserido, recebendo escolas e traduzindo seu acervo em atividades educativas criativas e dinâmicas. No entanto, o museu não conta com um setor educativo constituído e nem todos os funcionários que acabam assumindo essa função estão qualificados para realizar a proposta. O museu tem muitos espaços vazios, que poderiam ser utilizados para a realização de atividades educativas, contudo, não dispõe de mobiliário e materiais adequados para esse trabalho.

Ao percorrer o documento base e ver a idealização de um belo projeto para a instituição, fica evidente a falta de investimento público no museu, até no que diz respeito à própria conservação do seu acervo, quiçá o setor educativo, que nem existe. Logo, julgo que as propostas constantes do Programa Educativo e Cultural do MHAP são interessantes para a realização de práticas educativas significativas para diversos públicos, principalmente o público escolar. Entretanto, sem investimento não há ideia boa que resista.

4. Potencialidades para o ensino de história local no Museu Histórico e Artístico de Planaltina

O que seria a história local? Como determinar os limites, históricos e geográficos, do que é local? Erinaldo Cavalcanti, em seu artigo “História e história local: desafios, limites e possibilidades” (2018), apresenta interessantes reflexões que nos levam a problematizar essas questões. De acordo com o autor, “a dimensão do local permite ampliar e compreender a relação entre espaço e ação, ou pensar e problematizar o espaço como lugar de ação, o que coloca, por conseguinte, a relação sujeito/espaço no centro das discussões” (p. 275).

De acordo com a minha experiência enquanto aluna das escolas de Planaltina e em debates em sala de aula e com colegas na Universidade, pude perceber que o entendimento de história local no contexto do Distrito Federal se resume, muitas vezes, à História de Brasília e sua construção. Nessa perspectiva, observa-se um total apagamento das histórias das Regiões Administrativas que compõem o Distrito

Federal, inclusive das cidades que já existiam antes mesmo da inauguração da Capital Federal, como Planaltina e Brazlândia.

É importante destacar que a história da cidade de Planaltina-DF não necessariamente precisa ser estudada à luz de Brasília e seu desenvolvimento. Planaltina-DF não é uma região estagnada, que se congelou no tempo após a transferência da capital para o Distrito Federal. Pelo contrário, Planaltina tem seu desenvolvimento social, econômico e cultural próprio, com tradições que antecedem a construção de Brasília, como a Festa do Divino Espírito Santo.

Erinaldo Cavalcanti nos propõe pensar o local como uma maneira de problematizar o seu espaço, seus problemas e suas dinâmicas próprias. O autor apresenta também uma crítica pertinente em relação à caracterização do local como algo ‘pequeno’ ou de menor importância e relevância:

Por essas lentes interpretativas, a história local se constituiria, principalmente, em uma espécie de “acontecimento pequeno”, circunscrita a uma limitação espacial, sobretudo porque os relatos sobre sua ocorrência ficariam quase sempre reduzidos a uma pequena dimensão geográfica. (Cavalcanti, 2018, p.278).

Como já destacamos anteriormente, a história de Planaltina remonta ao século XVIII, como rota comercial que cruzava a Picada da Bahia e na movimentação econômica das explorações das jazidas auríferas em Goiás. Vale ratificar, na mesma esteira do que percebemos nas formas de se narrar um acontecimento como o “descobrimento do Brasil”, a história local não existe para ser descoberta por algum sicrano, ela já vive por si só. Ela está presente na vida dos moradores da cidade ou bairro local, no fazer cotidiano da cidade. Ela está não encerrada em si, pois há sempre histórias sendo construídas, revelando o movimento perene na ação dos moradores.

Ou seja, é importante evitar qualquer leitura que compreenda a existência, a priori, da história local, como se ela “se encontrasse lá”, pronta e definida, à espera do professor/pesquisador para desbravá-la, descortiná-la e, assim, fazê-la aparecer. Nada mais enganoso. Não existe essa história local que aguarda ser descoberta pelo professor/pesquisador. Nem tampouco há caminhos preestabelecidos, predefinidos, que garantam ter acesso a essa ou àquela história. (Cavalcanti, 2018, p. 279).

Oportuno se torna dizer que, ainda segundo Cavalcanti, os registros documentais e o trabalho com fontes históricas em sala de aula permitem analisar “parte do universo polissêmico constitutivo da chamada história local” (p. 284). Cabe ressaltar que, além do mobiliário e objetos constituintes do acervo, o Museu Histórico e Artístico de Planaltina é detentor de exemplares do antigo jornal Mestre D’armas. Nesse periódico, publicado no início do século XX até a década de 1980, observam-se os acontecimentos circunscritos à Planaltina, que não são fatos “pequenos” ou menos importantes. Os registros de arquivos são recursos potenciais para entender as ações e as problematizações do local, além de se configurarem como um interessante instrumento pedagógico no ensino de História.

Quando trazemos essas reflexões sobre o ensino de história local para o contexto dos anos iniciais do ensino fundamental, destacamos que os museus podem figurar como uma importante ferramenta pedagógica. Assim, ao trabalharmos a história de Planaltina e como viviam os antigos moradores da região, os alunos podem visitar o MHAP, onde os educadores podem fazer uma mediação dialogada na recepção de turmas escolares. Ao mobilizarem os objetos do acervo, os educadores conectam o presente e passado, e os alunos poderão entender o funcionamento da cidade e o seu papel na história. Com isso, esses personagens se conectam com a memória dos moradores, com os aspectos culturais e, assim, criam um laço de pertencimento com a cidade. A professora e historiadora Circe Bittencourt ressalta que:

A história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer – igualmente por situar os problemas significativos da história do presente. (Bittencourt, 2009 apud Cavalcanti, 2018, p. 277)

O museu apresenta muitas funções, dentre elas a preservação da memória da população. A partir do seu acervo, traz novos significados para o presente, na escolha da perspectiva crítica. Como demonstram os autores Goreti Pélagué Pereira da Silva e Ricardo de Aguiar Pacheco (2021, p. 1-2):

Da ideia mais simples de ‘coleção’ às suas mais diversas e abrangentes funções, o museu hoje é, além de um espaço de preservação da memória,

um lugar de estudo, investigação, questionamento e ressignificação do passado a partir da demanda e do olhar crítico do presente.

É importante destacar que os museus apresentam uma dimensão educativa que lhe é inerente. No entanto, o caráter educativo das instituições museológicas não deve ser entendido como uma extensão da sala de aula. Logo, como expressam os autores, “os museus não são extensões das salas de aula, apesar de serem lugares próprios para o ensino e a aprendizagem” (Silva; Pacheco, 2021, p. 2). Assim, a escola e o museu convivem em uma relação complementar, um não substitui o lugar do outro e dialogam. Nesse sentido, convém ressaltar também que:

A própria noção de tempo/espço se reduziu. Assim, trabalhar as noções de tempo, passado e memória exige uma abordagem diferente, um novo esforço do(a) professor(a). Cada vez mais se torna necessário agregar à sala de aula novas fontes e ferramentas, bem como desenvolver relações entre os conceitos históricos situando-os no passado e no presente. (Silva; Pacheco, 2021, p. 5)

Ao trabalhar a noção de tempo/espço, o professor precisa lançar mão de uma metodologia específica. Principalmente, é importante abandonar a tendência pedagógica tradicional, na qual o estudante é visto como um sujeito passivo, somente com a função de absorver o conteúdo. É necessário incluir novas propostas que vão além do livro didático e de aulas expositivas, envolvendo novos materiais e objetos, principalmente para se localizarem na história. Por exemplo, para ensinar acerca do sistema solar, seria interessante a visita em um museu Planetário, em que os alunos entrariam em contato com uma forma mais prática e ilustrativa do conteúdo mobilizado. O mesmo acontece com conteúdos relacionados ao ensino de história: proporcionar visitas aos museus históricos da cidade tem uma potência significativa para os estudantes em seu processo de aprendizagem.

Uma outra crítica geralmente observada na visita de turmas escolares aos museus é a postura dos professores, que muitas vezes não se informam previamente sobre a exposição, bem como não se atentam às potencialidades do museu e sua função social de transformação. Infelizmente, alguns docentes veem nas atividades extraclasse uma oportunidade de tempo livre para deixar os alunos explorarem sozinhos os espaços visitados. De acordo com a historiadora e professora da

Universidade Federal de Minas Gerais, Adriana Mortara Almeida (1997), uma das situações mais levantadas em visitas escolares a museus é a falta de comunicação sobre os objetivos da visita

Outrossim, é importante destacar o planejamento da visita, com o acesso às informações sobre o que vão encontrar no museu, com foco no tema da visita para a preparação da turma, até para analisar se a proposta está em consonância com o interesse dos alunos. Nesse sentido, orienta-se que haja uma preparação prévia por parte da escola em diálogo com o museu, se informando sobre seu acervo, as exposições em cartaz, o trabalho do setor educativo (quando houver) e as normas para agendamento de grupos. Sobre essa questão, a pesquisadora Vanessa Campos Mariano Ruckstadter (2023, p.20) destaca: “Primeiramente, o professor precisa estabelecer um objetivo de aprendizagem, realizar um planejamento, saber o porquê da escolha de determinado museu, pois sua visita não pode ser aleatória”.

Nesse sentido, umas das questões importantes a serem observadas é a relação da visita ao museu com o que está sendo trabalhado não só nos projetos desenvolvidos pela escola, mas com o que está disposto no próprio currículo. O Currículo em Movimento do Distrito Federal traz explicitamente a importância de visitas a museus, sobretudo no que tange à educação patrimonial, tema transversal neste currículo.

Destaca que o Currículo em Movimento do Distrito Federal, elaborado de forma participativa coordenado pela Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF), é baseado na teoria crítica e pós-crítica, pretende ser flexível e frequentemente reavaliado, por isso a palavra “movimento”. O Currículo em Movimento dialoga com a Base Comum Nacional Curricular (BNCC), mas traz acréscimos e ajustes para adequar os conteúdos e formas de abordagem para o contexto da realidade do Distrito Federal.

O Currículo em Movimento do Distrito Federal para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental tem foco na construção e desenvolvimento do ser humano. Inicia com identificação do “Eu” e “Outro” no 1º Bloco (1º ao 3º ano), ao tratar nossa função social no mundo e nossa inserção nos grupos aos quais fazemos parte, junto com as experiências com a família e a escola, os cultos religiosos e entre outros, que se tornam mais emblemáticas na medida em que diferenciam cultura, idade, gênero etc.

Portanto, a parte central dessa identificação é o reconhecimento do indivíduo como uma parte significativa no meio que está inserido.

Em seguida, o 2º Bloco (4º e 5º anos) tem foco na concepção de lugar no qual reside e os movimentos em volta da cidade e do bairro, desenvolvendo também as noções de privado, público, urbano e rural. Também são estudados a escala temporal, a distância de um local ao outro, como, por exemplo, os grupos migratórios no mundo, com ênfase nos motivos que levaram às migrações. Como descreve o Currículo em Movimento do DF:

No 2º Bloco do 2º Ciclo, destaca-se a noção de lugar em que se vive e as dinâmicas em torno da cidade, com foco nas diferenciações entre a vida privada e a vida pública, a urbana e a rural. Nesse momento, também são analisados processos mais longínquos na escala temporal, como a circulação dos primeiros grupos humanos em movimentos migratórios no mundo e, mais especificamente, no Brasil. (Secretaria de Educação do Distrito Federal, 2018, p. 274)

Quanto ao ensino de História, se situa a construção das identidades, do sujeito ao coletivo, adentrando a história local, no aspecto do “eu e outro” localizado em momentos históricos. Nesse sentido, é trabalhada a construção da subjetividade, elaborando exemplos de vidas na investigação das interpretações e ideias das concepções de espaço das sociedades, tendo como base a identidade histórica. É importante que o estudante seja o protagonista dessa construção, trazendo suas noções de mundo, seus espaços de experiência e as referências identitárias de sua família.

Assim, o Currículo em Movimento do Distrito Federal traz uma abordagem ampliada do que seria esta proposta de história local, incluindo de forma significativa as regiões administrativas que compõem o Distrito Federal, os povos que já habitavam a região do Planalto Central antes da construção de Brasília (a exemplo do Quilombo Mesquita), bem como os aspectos culturais em sua diversidade. É importante destacar que essas vitórias são resultadas de processos de lutas, e do entendimento do papel da educação em proporcionar um conhecimento que gere protagonismo, respeito e desenvolvimento de identidade.

Ainda dentro do conteúdo de História para os anos iniciais, o referido currículo aponta para o estudo das “migrações como uma característica humana, a trajetória

dos grupos humanos e a formação do Distrito Federal” (Secretaria de Educação do Distrito Federal, 2018, p.281).

Assim, apresento, como possibilidade de trabalho de história local para o 4º ano do Ensino Fundamental, uma visita escolar ao Museu Histórico e Artístico de Planaltina. Como já foi mencionado nos tópicos anteriores, o MHAP é um espaço histórico e cultural da cidade de Planaltina-DF, cuja localização e acervo permitem o desenvolvimento de propostas de trabalho envolvendo os temas de história, identidade e memória. Como defende a professora da Secretaria de Educação do DF Leísa Lasso, atualmente educadora do Museu Nacional da República: “A visita como estratégia de imersão cultural permite o contato com a memória cultural presente nos edifícios” (Sasso, no prelo).

Observa-se que Sasso tem a intenção de estabelecer uma imersão dos estudantes no ambiente por meio da memória cultural inerente ao próprio museu. Para que os estudantes tenham um sentimento de pertencimento e de aconchego no museu, é importante que os educadores abordem, de forma dialógica, a relação de cada um com a cidade onde habita, o que eles conhecem de sua história, o que querem conhecer.

No MHAP existem funcionários que acompanham a visita de grupos escolares mediante agendamento prévio, explicando e mediando os grupos em relação ao acervo em exposição. No entanto, no entendimento da professora Leísa, a visitação já pode começar do lado de fora do museu, quando se conta sobre o local e a comunidade onde este está inserido, sua história enquanto instituição, em uma proposta de educação patrimonial. O MHAP está localizado no Setor Tradicional da cidade, onde há uma praça, casarões e a Igrejinha de São Sebastião. Todo este espaço já traz uma rica contextualização da história da cidade, que remonta às ocupações populacionais desde fins do século XVIII, como descrevemos no início deste artigo. O próprio museu apresenta um espaço rico para elaboração de atividades, como a confecção de jogos, a contação de histórias a partir de objetos da exposição, caça objetos, e inúmeras propostas para uma visitação lúdica e cheia de aprendizados.

No tópico a seguir, apresento uma proposta de trabalho com a história local de Planaltina-DF a partir da apresentação de uma sequência didática voltada para o 4º ano do Ensino Fundamental, tendo como mote a visita ao MHAP.

5. Uma proposta didática de visita ao MHAP

Nesse tópico apresentamos uma proposta didática pensada para ser realizada no Ensino Fundamental I, mais especificamente no 4º ano, por uma escola pública (mas nada impede que escolas privadas também realizem) localizada em Planaltina-DF. Tal proposta é voltada para o ensino de história local, em atendimento ao que é disposto no Currículo em Movimento do Distrito Federal, conforme já discutido no tópico anterior.

A proposta tem como escopo abordar “as histórias escondidas” de Planaltina-DF, em um percurso educativo que leve ao (re)conhecimento das histórias locais. Para tanto, foi desenvolvida uma sequência didática, elaborada no intuito de proporcionar um reconhecimento das histórias dos antigos moradores da cidade e a construção da identidade planaltinense em uma visita escolar à Praça Salviano Monteiro e ao Museu Histórico e Artístico de Planaltina.

Como já discutimos anteriormente, o trabalho com a história local contribui para as aproximações e reflexões em relação a um determinado espaço e as atividades ali realizadas. É uma importante ferramenta para construir laços identitários e de pertencimento dos alunos com a cidade onde habitam. Vale a pena ainda trazer esse trecho do texto de Erinaldo Cavalcanti (2018, p. 275) sobre essa questão:

Para o sociólogo e urbanista francês Alain Bourdin (2001), o “local” é um lugar de sociabilidades, marcado pela proximidade e pela contiguidade das relações entre os sujeitos que as estabelecem. Nessa perspectiva, a “dimensão do local” permite ampliar e compreender a relação entre espaço e ação, ou pensar e problematizar o espaço como lugar de ação, o que coloca, por conseguinte, a relação sujeito/espaço no centro das discussões.

Nesse sentido, o “local” seria um recorte eleito por aquele que desejasse refletir sobre as experiências dos sujeitos em espaços sociais delimitados. Assim, a partir do entendimento deste trecho do artigo de Erinaldo Cavalcanti, propomos o recorte de nossa ação para a cidade de Planaltina-DF e as relações dos sujeitos habitantes

dessa região com a cidade, seu passado, presente e futuro. A proposta didática segue as orientações do Currículo em Movimento do Distrito Federal no que tange aos conhecimentos mobilizados no 4º ano para o componente curricular de História.

Ademais, esta proposta é pensada para além dos campos de experiências, dialogando com os eixos transversais “Educação para diversidade/cidadania” e “Educação em e para os direitos humanos” e “Educação para a sustentabilidade” e busca relacionar o entendimento do ambiente em seu aspecto natural e da sociedade, dos processos da história, cultura da diversidade. Nessa perspectiva, abarca também a educação patrimonial, descrita na etapa da visita escolar ao museu.

A metodologia que trazemos para esta proposta de sequência didática trabalha com a mobilização de “objetos geradores” nas visitas aos museus, perspectiva inspirada nas palavras geradoras, de Paulo Freire. Esta ideia de objetos geradores, cunhada pelo professor da Universidade Federal do Ceará, Francisco Régis Lopes Ramos, propõe-se a estabelecer relações entre o sujeito e o objeto museológico, pensando nos seus usos práticos e na vida cotidiana, destacando o objeto de seu contato da peça de acervo. Como explica o autor Francisco Régis Lopes (2008, p.32):

Em certo sentido, a pedagogia do diálogo contida na “palavra geradora” constitui uma fonte de inspiração para o papel do museu do ensino de história. É plausível defender que uma das possibilidades para o início de uma alfabetização museológica pode ser o trabalho com objetos geradores. Em sala de aula, no museu, ou em outros espaços educativos, o professor ou o orientador faria uma pesquisa e escolheria objetos significativos para os alunos, ou participantes de certo grupo, e a partir daí realizaria exercícios sobre a leitura do mundo através dos objetos selecionados.

Os visitantes, nesse caso, alunos do 4º ano, podem trabalhar a história do objeto a partir das pistas dadas pelo próprio museu onde está inserido, mas também podem criar e inventar suas histórias, visando dar um sentido prático para aquele determinado objeto. Para desenvolver as propostas suscitadas, o planejamento de aula está dividido em três partes, mas podendo-se estender, caso a proposta não atenda aos objetivos previamente idealizados. Certamente essa proposta é maleável de acordo com as especificidades de cada turma e professor e pode sofrer adaptações relativas ao tempo, tema, visitação e as brincadeiras escolhidas. A

questão do transporte é um aspecto a ser considerado pela escola, uma vez que o museu não dispõe desse serviço.

O tema central da proposta didática seria a educação patrimonial, com foco na história local dos moradores de Planaltina-DF, em contraposição à história hegemônica geralmente ensinada nas escolas, que começa e termina na construção de Brasília, sempre com protagonismo do presidente Juscelino Kubitschek, Lucio Costa e Oscar Niemeyer, sendo os próprios trabalhadores bastante esquecidos. Nesse sentido, observa-se que as histórias dos moradores mais antigos, que já habitavam o território do Distrito Federal, são invisibilizadas. Esse planejamento seria indicado para as para regiões de Planaltina e Sobradinho, porém podendo sofrer adaptações para se adequar às outras Regiões Administrativas.

- Etapa 1 – Apresentação do tema em sala de aula

Na introdução da primeira aula dedicada à proposta, a ideia é mostrar a bandeira de Planaltina e iniciar com algumas interrogações à turma, que se encontraria em sala de aula, com os estudantes sentados em círculo: O que chama a atenção na bandeira? Quais elementos são identificados? Vocês conhecem? Vocês sabiam que essas imagens são reais e existem em Planaltina-DF? Vocês sabem o que é a Festa do Divino Espírito Santo e a Pedra Fundamental? Já participaram da Festa? Já foram até a Pedra Fundamental? Os alunos serão incentivados a realizar desenhos dos monumentos da cidade que já conhecem ou que se interessaram a partir da apresentação da(o) professora(r).

Figura 3: Bandeira de Planaltina-DF



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bandeira_de_Planaltina_%28DF%29.jpg

Posteriormente a professora/o fará uma apresentação dos casarões existentes na Praça Salviano Monteiro por meio de fotografias e slides e perguntará quais casas eles morariam e por quê? Após a discussão sobre este lugar específico de Planaltina-DF, o Setor Tradicional, os alunos devem ser informados que no dia seguinte farão uma saída da escola para conhecer melhor esse local, as casas, praça, igreja e museu que lá se localizam.

- Etapa 2 – Visita ao Setor Tradicional de Planaltina-DF

Este momento envolve a saída da escola para a visita do Setor Tradicional de Planaltina, com destaque para a Praça Salviano Monteiro e para o Museu Histórico e Artístico de Planaltina. O encontro acontecerá inicialmente na escola, onde os alunos se reunirão com a professora e equipe escolar que acompanhará a turma na atividade extramuro. É importante que a escola planeje com antecedência este momento, para garantir o transporte que os levará ao local da atividade, assim como a logística de lanche para os estudantes.

Após a chegada e ambientação da turma na Praça Salviano Monteiro, a professora dará início a uma atividade lúdica. Propõe-se que a turma seja dividida em grupos de 6 estudantes. A atividade consistirá em uma caça ao tesouro dos patrimônios de Planaltina-DF, na qual os estudantes terão que adivinhar “Qual patrimônio eu sou?”, a partir de pistas espalhadas ao redor da praça. Sugere-se a elaboração de cerca de seis pistas, uma conduzindo à outra, para que todos os grupos cheguem ao alvo X. Assim, na medida em divinhando qual é o patrimônio relacionado a uma pista, podem seguir para a pista seguinte, até desvendarem todos os patrimônios.

Sugere-se a criação de pistas que mobilizem a imaginação e a visualização das crianças para o monumento a ser adivinhado, como por exemplo:

- Pista para a Igrejinha de São Sebastião:

“Sou bem antiga e charmosa.

Sou pequena, mas também glamourosa.

Branco e azul são minhas cores

As pessoas de fé vêm até mim para aliviar seus temores.”

- Pista para o Casarão Azul:
"Estou triste.
Fui abandonado e ninguém mais vem me visitar.
Minhas paredes estão manchadas e de minhas janelas não vejo mais nada."
- Pista para o Casarão das Artes:
"Sou um lugar de criatividade.
As artes estão até no meu nome.
Apesar de ser branco com janelas azuis,
Diversas cores se fazem presentes em meu interior"
- Pista para a Casa do Idoso:
"Sou local que lembra bolo e café da casa da vovó,
Costumo possuir muitos netinhos.
Sou igual os casarões nas cores,
Mas tenho árvores preguiçosas ao meu lado".
- Pista para O Hotel Casarão
"Costumo receber muitos visitantes de muitos lugares.
Conheço muitas pessoas
Se me perguntassem acerca das novidades,
Renderia muitas xícaras de café.
Estou feliz com minhas cores vivas e semelhantes aos outros casarões".
- Pista para o Museu Histórico e Artístico de Planaltina:
"Sou um local cheio de memória.
Com muitas histórias desconhecidas a desbravar nas minhas visitas.
Tenho o que falar e sou um ótimo ouvinte
Das histórias dos moradores planaltinenses.
Venha me conhecer e ouvir muitas histórias fascinantes"

Essa última pista levará toda a turma à porta do Museu Histórico e Artístico de Planaltina. Caso haja um/a educador/a do próprio museu no dia da visita, sugere-

se que a turma acompanhe visita mediada por este profissional, que contará sobre a casa, o acervo e os objetos em exposição. É importante que a escola entre em contato previamente com o museu para solicitar esse tipo de atendimento educativo ao grupo escolar, informando a instituição sobre o número de pessoas, faixa etária, objetivos da visita etc.

Após a visita ao museu, a professora/o da turma iniciará uma proposta de atividade a partir de dois objetos geradores que fazem parte da exposição permanente do museu: uma câmera fotográfica (de autoria e data não fornecidas na exposição) e uma pintura a óleo (de autoria e data não fornecidas na exposição) retratando o próprio casarão que atualmente abriga o museu.

Figuras 4 e 5: Câmera fotográfica do início do século XX e Pintura a óleo retratando o casarão que atualmente abriga o museu. Acervo do Museu Histórico e Artístico de Planaltina.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A partir da observação atenta dos alunos aos objetos destacados, a professora poderá trazer algumas perguntas norteadoras no sentido de despertar a reflexão sobre os objetos, seus usos, a relação entre presente e passado e mudanças ocorridas com o passar do tempo. Sugestão de indagações a serem feitas para os

estudantes: Sobre a câmera fotográfica - “Como esse objeto evoluiu ao longo do tempo? O que usamos hoje e que tem a mesma finalidade? Vocês já foram fotografados por uma câmera assim? Quem será que tinha acesso a este tipo de máquina naquela época? Todos poderiam ser fotografados ou somente os sujeitos importantes? sobre a pintura à óleo -,” O que essa imagem retrata? Quando ela foi pintada? O que mudou dessa data até hoje nessa paisagem?”.

A partir das respostas e das reflexões suscitadas, a professora pode, por exemplo, levantar a discussão que, atualmente, qualquer pessoa consegue filmar ou tirar fotos e postar nas redes sociais com o uso dos celulares. Será que nessa época já tinham a Internet? Se sim, todos tinham acesso? Como circulavam as informações? Explicar que a pintura é também uma maneira de registrar alguma coisa. Mostrar rapidamente algumas imagens do Jornal Mestre D’ Armas.

Após a visita e as discussões geradas pela experiência, sugere-se um momento de descontração, com um lanche em forma de piquenique realizado no pátio do museu, antes de a turma voltar para o ônibus para retornar à escola.

- Etapa 4 – Sala de aula, dia seguinte após a saída de campo

Esta última etapa visa fazer uma síntese da experiência da visita. Para tanto, a professora deve retomar a discussão feita na saída de campo, questionando os estudantes sobre as atividades que mais gostaram, sobre o que mais chamou a atenção deles no museu, se eles gostaram da aula passeio, se eles voltariam ao museu com suas famílias. É importante que a professora retome o conteúdo sobre patrimônio e a importância de espaços de memória para a preservação da história de um povo e de uma localidade.

Depois da retomada dos conteúdos e da experiência da visita nessa roda de conversa, a professora pode sugerir uma atividade. Sugere-se a confecção de um mini jornal com os principais assuntos da visita ao museu feita em grupos pelos estudantes. Outra sugestão é a realização de uma exposição na escola com desenhos esculturas, montagens, poesias, livros, fotos inspirados na visita ou nos objetos do acervo que mais despertaram a atenção dos estudantes.

É importante ressaltar que o processo avaliativo deve acompanhar todo o percurso de aprendizado dos alunos, que prioriza o aprendizado formativo, por meio

da participação e envolvimento dos alunos na realização das atividades, reflexão sobre questões do cotidiano, bem como a interação, exposição de suas ideias e pontos de vista frente ao tema proposto.

6. Considerações Finais

Essa pesquisa me lembrou como o Distrito Federal é um território repleto de memórias diversas e fatos históricos importantes, destacando especificamente a cidade de Planaltina, que preserva símbolos que resistiram ao tempo, como a Pedra Fundamental e a Festa do Divino Espírito Santo. Esses elementos nos lembram da necessidade de valorizar e cuidar da nossa história e memória coletiva.

A construção desse trabalho foi influenciada por experiências significativas, como as visitas a museus realizadas durante o Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e as reflexões promovidas nas aulas da disciplina “Ensino de História, Identidade e Cidadania”, ministrada pela professora Renata Almendra. Esses momentos permitiram uma nova perspectiva sobre as narrativas das Regiões Administrativas do Distrito Federal, possibilitando o rompimento com a visão de uma história única e hegemônica. Percebi que na escola é preciso dar voz às histórias invisibilizadas, trazer as narrativas dos moradores locais é um ato de empoderamento, essencial para a construção de uma narrativa mais inclusiva.

A investigação teve como ponto de partida o Plano Museológico do Museu Histórico e Artístico de Planaltina (MHAP) e visitas ao próprio museu. O Plano apresenta uma visão ideal de como o museu poderia ser, caso recebesse os recursos necessários para investimento nos projetos. Contudo, na prática, a realidade é marcada por desafios estruturais, como a ausência de um setor educativo e a falta de mediadores especializados, dificultando o pleno aproveitamento do potencial educativo do museu.

A história local, conforme explorada nesse trabalho, conecta os indivíduos ao local onde nasceram ou vivem, promovendo um senso de pertencimento. No caso do MPHA, sua localização na Praça Salviano Monteiro, cercado por casarões e pela Igrejinha de São Sebastião, oferece um rico contexto histórico que, por si só, demanda mais de uma visita para ser explorado completamente. Com isso, observa-

se que esses patrimônios são importantes para a memória coletiva e a identidade da população planaltinense.

A pesquisa também destacou o papel essencial dos museus como espaços educativos. A proposta de atividades mais dinâmicas e interativas, como as sugeridas no artigo de Leísa Sasso, educadora do Museu Nacional, busca tornar a visita ao museu uma experiência marcante, especialmente para crianças, reforçando a ideia de que o museu é um lugar vivo, de aprendizado e de conexão com a história.

Finalmente, este trabalho reafirma a relevância da relação entre museu e escola. Como futura pedagoga, acredito que essa parceria não apenas enriquece o ensino de história, mas também promove reflexões críticas e a valorização das identidades locais. Ao propor uma sequência didática baseada em visitas ao MHAP, espero inspirar outras práticas pedagógicas que ampliem o acesso e a valorização do patrimônio cultural da cidade, garantindo que ele seja uma fonte de aprendizado e pertencimento para as próximas gerações.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. “Desafios da relação museu-escola”. In: **Comunicação e Educação**. São Paulo. 1997. Disponível em: [Desafios da relação museu-escola | Comunicação & Educação](#). Acesso em 14 de novembro de 2024.

BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal - do indígena ao colonizador**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

BRASIL. Lei 11.904 de 14 de janeiro de 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm. Acesso em 28/10/2024.

CAVALCANTI, Erinaldo. “História e história local: desafios, limites e possibilidades”. In: **Revista História Hoje**, v. 7, nº 13, p. 272-292 – 2018.

DISTRITO FEDERAL Decreto nº 2.452 de 29 de novembro de 1973. Disponível em: <https://www.planaltina.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2019/11/Decreto-n%C2%BA-2.452-de-29.11.1973.pdf> , acesso em 10 de outubro de 2024.

DISTRITO FEDERAL. Decreto nº 6.939 de 19 de agosto de 1982. Disponível em: <https://www.planaltina.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2019/11/Decreto-n%C2%BA-6.939-de-19.08.1982.pdf>

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento: Trajetórias e concepções**. Brasília, DF: SEEDF, 2018.

GOMES, Bárbara Letícia Rodrigues. **Preservação do patrimônio histórico-cultural: um repositório para o Museu Histórico e Artístico de Planaltina (DF)**. Trabalho de Final de Curso de Biblioteconomia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/943/1/2009_B%c3%a1rbaraLet%c3%adciaRodriguesGomes.pdf . Acesso em 28 de outubro de 2024.

MUSEU HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PLANALTINA. **Plano Museológico**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.planaltina.df.gov.br/2022/01/03/plano-museologico-de-planaltina/>. Acesso em 13 de agosto de 2024.

OLIVEIRA, Ederson Gomes. **Patrimônio histórico e cultural de Planaltina (DF): memória e identidade social**. Dissertação de mestrado. Departamento de História, Geografia e Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2013.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do Objeto: O museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2008.

RUCKSTADTER, Vanessa Campos; MARCOLINO, Gabrieli de Assis. “O museu como possibilidade no ensino de história nos anos iniciais do Ensino Fundamental: uma revisão integrativa de literatura”. In: **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 25, p. 1-26, 2023.

SASSO, Leísa. “Museu do Vazio: uma experiência artográfica”. In: MARTINS, Miriam Celeste (org). **Mediação cultural: proposições, pesquisas e experiências estéticas com arte na contemporaneidade** Brasília, Editora LiberArs, (no prelo).

SILVA, Elias Manoel da. **De Mestre d’Armas a Planaltina: reflexão histórico crítica sobre a fundação da cidade**. Disponível em: [http://cerratense.com.br/fotosdocumento/arquivopdf3/ARTIGO_De_Mestre_d’Armas_a_Planaltina_-_reflexão_histórico-crítica_\(1\).pdf](http://cerratense.com.br/fotosdocumento/arquivopdf3/ARTIGO_De_Mestre_d’Armas_a_Planaltina_-_reflexão_histórico-crítica_(1).pdf). Acesso em 04 de novembro de 2024.

SILVA, Goreti Pélagué; PACHECO, Ricardo de Aguiar. O uso do museu no ensino escolar de História. In: **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**. Recife, V. 7, N°. 1, 2021.

SILVA, Robson Eleutério. **História de Planaltina em documentos: do Arraial de Mestre d’Armas à construção de Brasília**. Brasília: Edição do autor, 2019.